S. PAULO (BRASIL) — Sábado, 8 de março 1913 — ANO XII — N. 181

Publica-se aos sabados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegráfico: LANTERNA

Toda correspondência ao director

O NOSSO ANTICLERICALISMO

A expressão anticlericalismo, *tornando-se* integral, *como nós o fazemos, abrange:*

a) *Luta contra os padres, para mostrar as contradições da sua vida com a sua doutrina, o seu sacerdocio como profissão, tendo o interesse material por base, etc., o que é importante para as camadas mais simples da população, que vêem o padre e não os dogmas e mitos, como importante foi, para o povo que não lia os enciclopedistas, a propaganda pelo libelo, pelo panfleto, contra a realeza, a nobreza, e o clero.*

b) *Discussão filosofica e historica dos dogmas e mitos, isto é, o anti-religiosismo, luta contra a base teorica da Igreja.*

c) *Luta contra a influencia politica da Igreja — pela acção directa, pela propaganda extra-parlamentar.*

d) *Propaganda para mostrar o poder economico da Igreja, a Igreja como empresa, como auxiliar da exploração capitalista, como divisora do proletariado, fautora de crumirismo. Este ponto é importantissimo, como estão agora a reconhecelo os sindicalistas franceses, que acham necessario voltar as suas atenções para a Igreja.*

Tudo isto constitui o anticlericalismo da Lanterna.

O que urge fazer

Um assunto de incontestavel importancia para todos nós neste momento, e que devemos sem mais demora tratar, é a reunião, num só bloco, dos elementos dispersos anti-clericais e livre-pensadores existentes no vastissimo territorio brazileiro.

Actualmente, diante da invasão, sempre crescente, de padres e frades vindos de todos os cantos do globo, e da protecção aos mesmos dispensada pelos poderes publicos; diante do grande perigo que constitui para o povo inconsciente, para todos nós, a influencia dos sectarios de uma religião que procura por todos os meios reaver o prestigio que vai perdendo nos países onde a instrucção leiga está cada dia tomando maior incremento, cerceando-lhes, diminuindo-lhes o poder, nenhuma acção verdadeiramente eficaz poderemos opor-lhes, por não dispormos de uma força coesa que possa, com exito, obedecendo a um plano de acção bem delineado, fazer-lhe frente.

Ha, entretanto, um meio pratico de que podemos desde já lançar mão e quem no-lo sugeriu foi o secretario da *Fédération Internationale de la Libre Pensée*, nosso excelente amigo Eugenio Hins. Consiste em fundarmos a Federação Brazileira do Livre Pensamento.

Para isso os livre-pensadores de cada localidade reunir-se-iam em grupos, escolhendo entra eles um camarada de boa vontade (secretario) para pôr a comissão federal ao corrente do que se passar no seu grupo. A acrescentar uma pequena contribuição para as despesas indispensaveis.

Tendo nós, como muito bem faz ver, na *Lanterna* o instrumento principal para isso, facil será mantermos estreitas relações com todos os grupos que se vierem a formar ou já existam.

Uma vez por ano realizariamos um congresso. Os grupos que não tivessem meios para enviar um representante seu incumbiriam um amigo habitando a Capital, e, assim, estariamos todos unidos, prontos a acudir ás presentes necessidades da luta, á gravidade do momento que atravessamos, cheio de incertezas, na expectativa de acontecimentos previstos por altas mentalidades e que podem levar a humanidade á liberdade integral ou faze-la retrogradar, conforme a maneira como estivermos aparelhados para resistir ao embate dos interesses em jogo.

Inutil será dizer que não nos devemos preocupar com a questão do numero. O indispensavel é reunirmos o grupo e que este seja composto de homens de acção, energicos, desinteressados e sobretudo *perseverantes.*

Um exemplo tivemos já na primeira Internacional, em 1867, que apenas contava duzentos membros na Belgica e, entretanto, representava uma força consideravel!

Portanto, ahi fica a idéia. Que todo aquele que sente, que tem a nítida compreensão do perigo que correm todas ás liberdades conquistadas pelos nossos maiores unam-se e fundem o grupo.

Desde já podem aqueles grupos que estejam constituidos e os que se forem formando mandar a sua adesão para a sede da Liga Anti-clerical do Rio de Janeiro, rua Marechal Floriano Peixoto n. 118.

Da boa vontade de todos depende a vitoria final, o esmagamento do exercito negro que tem tambem as suas tendas armadas neste vasto país, unidade da grande familia internacional a que todos pertencemos.

A'queles a quem a palavra — internacional, cause estranheza faremos ver que o imenso bando negro não tem patria: é um monstruoso polvo cujo corpo está em Roma e os tentaculos por todo o universo.

A proposito. E' preciso não esquecer que, custe o que custar, a *Lanterna* tem que, em breve, ficar acesa diariamente.

Tratem de mandar azeite quanto antes.

Rio, 2 — 3 — 913.

Adrecal.

ADOLFO VAZQUEZ GOMEZ

S. Paulo vai hospedar dentro de poucos dias um esforçado paladino da causa da emancipação social.

Vamos ter ocasião de conhecer dedicado propagandista dos ideais inovadores que, pela tribuna e pela imprensa, vem, desde a Espanha se mostrando sempre um fervoroso livre-pensador e sociologo,

Vazquez Gomez, quando na Espanha, ridigiu jornais avançados, colaborando em muitos outros, tendo de emigrar por isso para Portugal, de onde tambem teve que sair pela sua parte activa na propaganda. Na França tambem redigiu jornais de propaganda e pertenceu a agrupações do mesmo caracter. No Uruguai, onde reside já ha alguns anos, dirigiu o *Intransigente* e a *Discução*, pertencendo a varias agrupações de luta social. Na Maçonaria o brilhante propagandista tem tido sempre um lugar de destaque.

Vazquez Gomez vem ao Brasil em excursão de propaganda, já tendo visitado diversas cidades do Rio Grande do Sul, sendo em todas elas muito aplaudido nas suas conferencias, como o atestam os jornais que de lá recebemos.

Em S. Paulo o ilustre correligionario fará algumas conferencias, seguindo depois para o Rio.

Os livres-pensadores de S. Paulo não devem poupar estorços para que sejam bem aproveitados os que aqui Vazquez Gomez vem despender em favor da nossa causa.

A CARESTIA DA VIDA

A Liga Popular Contra a Carestia da Vida, constituida em junho do ano passado e que aqui realizou diversos comicios de protesto contra a assoberbante carestia dos generos de primeira necessidade e a elevação incessante dos alugueis de casas, vai retomar os seus trabalhos, devendo realizar o primeiro comicio na proxima semana.

A situação do povo do Mexico... e de toda a parte



E' esta a missão do padre: Embrutecer o povo com as suas intrugices, para que ele se submeta ao dominio da exploração do seu patrão — o Capitalismo.

A RELIGIÃO E A LITERATURA

A literatura religiosa já fez época; a arte é hoje essencialmente pagã. E' curioso cotejar-se sob este ponto de vista as obras dos grandes escritores desta e da ultima geração, com a dos anteriores.

Deixando as épocas inquisitoriais, em que, segundo o testemunho de Blasco Ibañez, os poetas para viver tranquilos procuraavm a sombra da igreja e cobriam-se com os seus habitos, encontramos a literatura do seculo passado ainda profundamente impregnada de misticismo,

Antero de Quental foi uma especie de poeta-monge. Victor Hugo explorou a mais não poder o olho de Deus e o dedo da Providencia. Camilo Castelo Branco foi nas mesmas aguas,

Com o movimento realista moderno a religião sofreu bancarrota. O olho de Deus faliu, e ninguem toma hoje a sério o sediço dedo providencial; e, coisa de pasmar! todo o escritor de talento, de grande talento literario, é hoje ateu.

Quais são os nossos maiores nomes em literatura, dos ultimos tempos? Euclides da Cunha, Machado de Assis, Aluizio, Bilac, Alberto de Oliveira — e todos pagãos.

Na Italia, são pagãos D'Annunzio, Steccheti, em Portugal, Junqueiro, Fialho, Eça. Na França, Zola, Anatole, Tristan Bernard. Na literatura ingleza — Kipling, o maior, talvez, dos nossos contemporaneos; deixamos de lado Tolstoi, que teve a extravagancia ou filantropia de inventar uma religião em que provavelmente ele não acreditava, e assinalamos na Russia Gorki... Respigamos ao acaso, tomando a espuma do genio aqui e além.

Qual a razão desse fracasso religioso?

Diriam os carolas que os tempos de impiedade que atrevessamos só sagram grandes os descrentes. Engano! Em literatura não ha religião, não há politica, não há tambem escola — só há talento criador; e sob o ponto de vista da arte pura, tão bela pode ser uma pagina onde se cantem as perfeições do Altissimo como a eternidade da materia. Ainda hoje Victor Hugo é um gigante, e é admiravel o «Ser ou não Ser» de Shakspeare. O artista tem esta peculariedade — só procura o Belo, embora este se divorcie da verdade; — mau grado esta tolerancia, exerce-se hoje preferentemente sobre o Belo verdadeiro. Mesmo assim, um grande escritor que surgisse hoje, romancista, poeta ou dramaturgo, ainda receberia o culto que merece.

Pode-se afirmar categoricamente: — os maiores talentos literarios de hoje são pagãos.

Naturalmente a literatura é invenção diabolica, e o belo inspiração infernal: á ultima hora, Deus repudiou-os, certamente, horripilado pelos versos em latim que Leão XIII perpetrava.

Z. Z.

CATECISMO ATEU

Com o intuito de desenvolver a nossa obra, o Grupo de Educação Social mandou vir de Portugal o resto da edição deste esplendido folheto que, pela simplicidade de sua linguagem e a solidez da sua argumentação, é muito apropriado para a propaganda no seio do povo, entregue aos preconceitos embrutecedores da religião.

Está á venda nas seguintes condições:

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

A todas as sociedades, grupos e companheiros que se dedicam á propaganda emancipadora recomendamos o Catecismo Ateu, *que será substituido por outro folheto, logo que tenha sido esgotada a sua edição.*

O Grupo de Educação Social tem tambem a sair do prelo o excelente folheto de Malatesta — Entre Camponeses.

Biblia vermelha

Gente bem-pensante considera o bom Deus como um poderosissimo compadre, que é util ter na sua mão para triunfar neste mundo e no outro.

***

Muita gente escolhe a prosperidade para dar admiraveis exemplos de resignação e de submissão santa ás vontades do Altissimo.

***

As almas verdadeiramente crentes acham sempre desculpa para o seu Deus, quando este as engana.

(Pensamentos extraidos das obras de **Victor Cherbuliez.**)

HOSTIAS AMARGAS

As quaresmais de D. S. Leme

4ª. conferencia — A religião não consiste sómente na pratica do bem. Para cumprir seu destino religioso, ao homem não bastam honra e honestidade.

5ª. conferencia — A religião não consiste sómente nas exterioridades do culto — Do verdadeiro e do falso culto externo — Religião de convicções.

Não nos dizes nada de novo, ó inimitavel, ó arcangelico bispo de Ortosia.

Bem sabemos que para ti e para os teus comparsas de crendices e de especulações, pratica do bem, honra e honestidade nada valem.

Fazei vós outros, que acalentais a ambição ridicula e estulta de dominar a humanidade, questão capital de que homens e mulheres tributem a esse Deus, de quem vos dizeis representantes, o que chamais — *culto interno*, cuja mais elevada expressão considerais a pratica dos sacramentos da Igreja.

E assim, manhosa e astutamente, tu vais insinuando no animo dos ingenuos, que se extasiam perante as tuas palavras enfaticamente pronunciadas na catedral do Rio de Janeiro, que nada adianta ser bom, ser honrado, ser honesto, se não se frequentar o confessionario, se não se confiar a um padre a sua direcção espiritual.

E beneficios, honra e honestidade, tudo isso tu, ó pateta das luminarias, procuras desprestigiar perante um auditorio que te ouve com toda a consideração, naturalmente pensando com Pigault-Lebrun que *les hommes sont si faciles à persuader, si aisès à mener, si bêtes, quand on leur parle au nom de Dieu...*

Dás nas tuas conferencias como coisa provada e indiscutivel que a tua religião é obra de Deus, por quem foi revelada aos homens, como se alguem, que tenha dois dedos de bom senso, possa reputar obra divina os teus chamados livros sagrados, nos quais entra um conjunto de imoralidade e de frivolidades, toda a gente pode ler passagens que fazem rir a bandeiras despregadas, como aquela que estatui que o arco-iris é o sinal da aliança de Deus com os homens, que os filisteus, para amainarem a colera desse mesmo Deus, pelo facto de se terem apoderado da Arca Santa, lhe ofereceram, como dons propiciatorios, cinco ratos de ouro e cinco anhos de ouro e que Cristo deu permissão a toda uma legião de demonios, que se alojara no corpo de um infeliz possesso, para ir aboletar-se nas entranhas de alguns malfadados suinos, que, por tal motivo, se atiraram todos em um precipicio.

De modo que, para ti, quem não acredita em tais asneiras não terá cumprido o seu destino religioso por melhor que execute os seus deveres para com a familia e para com a humanidade.

Eia! d. Sebastião Leme. Enuncia francamente o teu pensamento.

O que quer dizer com a tua linguagem alambicada, com os teus torneios untuosos, em que vens com expressões vagas e insignificativas como *destino religioso* e outras que tais, o que te fazia prurido na lingua, mas que tiveste receio de dizer, por presumires um certo grau de cultura no auditorio a que te dirigias, é que o homem, por mais altruista, probo e honrado que seja, se não for catolico praticante, irá infalivelmente arder nas chamas hipertermicas e transandantes a enxofre do inferno.

Podias tambem sem refolhos estabelecer a reciproca, que tu e os teus companheiros de oficio admitem de bom grado: — Que por mais imoral, cinico e depravado que seja um individuo, ele caminha admiravelmente para o seu destino religioso, se for o que chamais todos *um catolico praticante.*

Essas praticas religiosas que tu, d. Sebastião Leme, julgas indispensaveis no homem social só servem para o perverterem, para lhe corromperem o espirito, conduzindo-o ás adulterações da moral natural, que, na frase de De Lauman, «são

CAUTÉRIOS

XC

«Virgílio Manoel Lemes remete ao nosso revmo. Vigário 3$000 para uma missa a N. Senhora, promessa feita e atendida quando estava para dar à luz.»

(Extraído da secção «Graças concedidas por N. Senhora Aparecida», do jornal «Santuário da Aparecida», n. de 8 de fevereiro, de Aparecida do Norte).

Há vinte e tantos anos que eu no mundo
Vivo contínuamente a meditar,
Buscando penetrar no mais profundo
Das coisas e a verdade desvendar.

Ao princípio foi doida a minha luta
E quási, sem coragem, sucumbi.
Baixei a fronte triste e irresoluta
E em duvidosa scisma me acolhi.

Quando porêm, no resplandor do dia,
Me desprendi das garras da incerteza,
Trazia n'alma esplêndida alegria,
Trazia n'alma lúgubre tristeza...

Estava enfim livre de preconceitos,
Com a razão afinal esclarecida.
Vi quanto são errados os conceitos
Que o mundo faz das coisas e da vida.

Estava enfim descrente e emancipado
Das mentiras servis da religião,
Que o povo trazem triste e acorrentado
'A lama, à tirania, à escuridão!

Foi depois do raiar desta verdade
Que a lúgubre tristeza me invadiu:
Chorei a pobre e escrava humanidade,
Que na degradação assim caíu.

Tanto mal, tantas dores contemplando,
Vivo a cegueira humana a lamentar.
Estamos nós num cativeiro infando,
Quando é tão fácil os grilhões quebrar!

E assim liberto e convencido e altivo,
Alma cheia de fôrças e de fé,
Atirei-me na luta em que hoje vivo,
No meio dos pequenos, da ralé.

Fiz-me um feroz, um bárbaro inimigo
Da farda, da batina, da casaca.
E a minha pena, com um furor antigo,
Essa trindade vil sem medo ataca.

. . . .

Mas se eu me fiz tão mau e tão descrente,
Tão revolucionário e tão incréu,
A culpa não foi minha únicamente,
Cabe a parte maior ao Deus do céu...

Olhei a terra, as coisas, o alto, ansioso,
Em busca da Verdade e do Ideal...
Não encontrei sinais do Deus famoso,
Traço nenhum do sobrenatural.

Vi a terra num torvo pesadelo,
Prenhe de males, cheia de imundice;
Males que nos fariam maldizê-lo,
Se acaso o monstro bíblico existisse!

. . . .

Agora enfim, ventura incomparável!
O céu de mim, piedoso, se lembrou:
Um milagre estupendo e inexplicável
Minhas ideias todas transtornou...

O sr. Deus, pándego e chocarreiro,
Com a intervenção da Santa Aparecida,
Acaba de espantar o mundo inteiro
Com um milagre jámais visto na vida!

E' um caso único, um caso extraordinário
Que todos os ateus vem converter,
E para o celebrado «Santuário»,
Certo, maiores «graças» vai render...

¿Quem é que, do milagre ao ter sciência,
Submisso, humilde, pálido, assombrado,
Não presta logo à Igreja obediência,
Não se curva ante o clero árqui sagrado?

Eu que no Inferno estava assás perdido,
Inimigo de Deus, da religião,
Da minha fé, nest'hora convertido,
Faço publicamente confissão!

Conhecendo-lhe a força extraordinária,
Peço à gentil sra. Aparecida
Uma graça piedosa e humanitária,
Que me será decerto concedida:

— Para que certos homens às avessas
(Padres. seminaristas rochonchudos),
Livrem-se de trabalhos e promessas,
Promessas árduas e trabalhos rudos,

O' santa poderosa e ultra-potente,
Vem a êsses homens dar o teu auxílio,
Faz que o milagre enorme e surpreendente
Fique sòmente no sr. Virgílio!

Beato da Silva.

inspiradas pelos interesses particulares daqueles que as conceberam e são condenadas pela observação da natureza».

A capacidade moralizadora da tua religião, se é que em teoria ela a teve, d. Sebastião Leme, tinha de se esgotar completamente, á proporção que o intelecto humano ia se aperfeiçoando e que as aquisições scientificas punham em evidencia o quanto há de parvoices e de imbecilidades nos principios, que lhe são fundamentais.

E foi o que se deu. E nem pelo facto de ter feito bancarota o catolicismo, e nem pela circumstancia de não haver, hoje em dia, espirito culto que lhe preste a mais insignificante consideração emquanto escola filosofica ou seita religiosa, a humanidade deixa de se tornar melhor de dia para dia. E haverá quem afirme que esse facto seja obra da Igreja, quando tu, ó impagavel bispo de Ortosia, és o primeiro a afirmar que nos tempos actuais todos os que se dizem religiosos, isto é, cristãos, o são unicamente de nome e que excepcionais são aqueles que seguem o *credo* e os *mandamentos.?*

E terás o desplante de afirmar que, a despeito disso, o espirito humano seja, na epoca presente, incomparavelmente superior ao que era nos tempos em que a Religião cristã estava no seu apogeu?

Chamamos a tua atenção, d. Sebastião, para o interessante artigo que exactamente a esse proposito publicou o notavel poligrafo francez Jules Fissot na conhecida *Revue*, de Paris.

Desse trabalho transcrevemos os seguintes topicos, sobre os quais deves meditar para não estares a dizer tantas baboseiras, como essas que lanças da catedral da arquidiocese do Rio de Janeiro:

«Por certo, diz Fissot, o conjunto da nossa vida social e internacional demonstra que o homem, tomado como entidade abstracta, vale hoje muito mais do que os seus antepassados, de ha uma duzia de seculos atrás.

«A civilização hodierna rescende um perfume singularmente confortante: todos estamos penetrados da ideia da dignidade e do respeito da vida e do pensamento humano, donde *a tolerancia* (que a Religião catolica, observamos nós, não conhece), a solidariedade e a bondade mais difusiva.

«Um individuo mediocre dos nossos dias é, sob esse ponto de vista, superior aos genios e aos super-homens de outrora.

«O principio essencial de todas as religiões: ama o teu proximo como a ti mesmo, adquiriu uma extensão notavel e outrora desconhecido, de modo que se faz sentir sobre os oceanos, sobre as civilizações, sobre os Estados e sobre as *distincções religiosas* e civis.

«A sociedade moderna nutre, como um aroma fortificante, uma fé no futuro moral dos homens, alêm de que os tesouros de sabedoria, de concordia, de simpatia e de bondade que formam o que chamamos — solidariedade social, oferecem hoje um espectaculo desconhecido na historia da humanidade.

«Os nossos discursos, as nossas leis, as nossas aspirações colimam sempre o mesmo objectivo: realizar na terra o paraiso para todos e a favor de todos.

«E a dignidade do homem triunfa sob a forma de leis, que nivelam prejuizos, nascimentos, profissões, e divisões sociaes — *outros tantos abismos que nos separam da moralidade classica e medieval.*

«Sim, hoje ha um progresso moral, como ha maior conforto na terra.

«A humanidade contemporanea, concluiu Fissot, espera ainda um historiografo das suas virtudes e da sua bondade moral.»

Que dizes a isto, d. Sebastião?

A decadencia do catolicismo, reconhecida por ti, vai coincidindo com o aperfeiçoamento moral dos homens.

Não te parece que podemos logicamente concluir que isso de pratica religiosa para o bom cumprimento do «destino religioso» é uma potoca, que procuras impingir aos simplorios, que acaso te deem credito?

Tu não queres que os adeptos de teu credo se limitem ao culto externo. Achas indispensavel o culto interno, que os levará a confiar a ti e aos teus comparsas o dominio da sua consciencia.

Pois olha, caro prelado, fique ainda muito satisfeito pelo facto de subsistir ainda o culto externo, que, com as suas pompas e a sua enscenação, é á unica fonte de vida de que dispõe a Igreja.

E, depois, ó precioso bispo, tu e teus colegas nada mais fazeis do que animar o que chamais — abuso do culto externo, inventando devoções, que se multiplicam indefinidamente, promovendo festas, que vos recheiam as algibeiras, e ainda mais, embrutecendo o povo com praticas supersticiosas, que lhes prometem a execução de milagres, isto é, de factos que importariam em alteração completa das leis naturais.

Se fazes questão capital do culto interno, porque é que habitas o palacio da Conceição, quando o teu Cristo dizia não ter uma pedra onde descansar a cabeça; porque é que vais á catedral, proferir as tuas lamurias, de automovel, trazes ao peito uma cruz de ouro, ao dedo um anel de ametista, trajas uma batina de seda violeta e tomas as tuas refeições em uma mesa capaz de satisfazer as exigencias gastronomicas do mais incontentavel sibarita?

Por serdes macacos velhos, tu e os teus companheiros, é que viveis a complicar o culto externo, de que tirais os recursos para satisfazerdes os requintes de sensualidade, que tanto e tanto apreciais.

Sobre convicções religiosas, vai, d. Sebastião, prègar a outra freguesia.

Convicções religiosas, nem tu mesmo as tens.

Em ti e em teus colegas só prepondera o espirito do calculo, que consulta apenas as vantagens materiais da vida.

As crenças da clericanalha versam apenas sobre os processos de aumentar as férias diarias, por meio das praticas cultuais.

O Deus de vós todos é — a barriga, e foi para vós que Guerra Junqueiro escreveu aquela magnifica ladainha, da qual destacamos a quadra a seguir:

Santa Barriga, unica santa nossa,
Santa Barriga — grande santa és!
Santa Barriga, alarga, estende, engrossa.
Santa Barriga, e vai da boca aos pés.

E com esta, até sabado proximo, ó nunca assás apreciado bispo de Ortosia.

Ignoto.

A "Lanterna" em Sabará
(MINAS)

Completam-se agora quatro anos que o caricato padre Fenelon dos Santos, muito conhecido e muito bandalho vigario desta velha cidade mineira, registou nos seus escusos anais uma das suas muitas acções de gloria: excluiu-nos duma ridicula «irmandade» religiosa (da qual nos haviamos afastado espontaneamente, com a razão iluminada pelas ideias do livre-pensamento), mandando dobrar os sinos a finados, com o tolo intuito de amedrontrar-nos Rimo-nos a valer da ideia do reverendo Fenelon e demos-lhe uma boa resposta, na ocasião, pelo *Livre Pensador*.

Agora vimos rememorar o facto ao divertido vigario e dizer-lhe que, apesar de nossa exclusão da irmandade religiosa, apesar de seus dobres a finados, ainda estamos vivos e com saude e alimentando as mesmas ideias de livre pensamento e de anti-clericalismo.

Saude!

Sabará, fevereiro de 913.

João de Siqueira Cruz
José Simplicio de Azevedo.

Secção amena

— Quando nos casarmos, has-de deixar de fumar, sim?
— Ah! isso é facil.
— Nunca irás ao café?
— Não irei.
— Não passarás o tempo com os amigos?
— Hein?... Bom... sim...
— Deixarás de ir ás reuniões, comicios, manifestações?...
— Tambem... sim...
— Deixarás as más leituras, prometes, sim?
— As más leituras?... Prometo...
— Nem assinarás nem comprarás, nem lerás... a Lanterna, *não é verdade?*
— Pois não!
— Espera... Não tens mais que deixar?...
— Tenho, com efeito.
— Que é?
— A ideia de casar com... a senhora. Até logo!



De novo a guerra nos Balcans — Oude se volta a falar dos bastidores das guerras e do patriotismo — A origem da propriedade apanhada em flagrante — Os moagirs turcos e os camponezes sérvios e búlgaros — Recompensa com que a pátria reconhecida vai acolher os vencedores — O resultado mais certo das vitorias e sacrificios.

LISBOA, 15 DE FEVEREIRO

Nos balcans soa de novo, com ininterrupto fragor, a voz terrivel do canhão, e ao que parece, novamente a epidemia colérica recomeçou a sua faina entre os turcos, para fazer companhia à guerra.

Porque os diplomatas, em nome dos governantes e financeiros, em nome de todos os interessados na contenda e nos resultados desta, não puderam chegar a acordo numa tranquila sala de conferências ou em volta da mesa de um banquete, a melhor juventude da desgraçada península balcanica e da Asia Menor continua a chacinar-se nos horrorosos campos de batalha.

Não podem ainda voltar ao seu labor e aos seus campos os infelizes que marcharam, constrangidos pela violência ou inflamados pelas excitações patrioticas, e que teem podido escapar á carnificina monstruosa que é a guerra do Oriente, que é qualquer guerra moderna.

Ah! o primeiro entusiasmo dos beligerantes deve ter caido morto! Quantas desilusões, quantos desesperos, quantas revoltas não devem ter amargurado o ânimo de muitos daqueles trabalhadores, estupidamente enviados para a mortandade! Depois, é já sem dúvida o cansaço — o de cada combatente e o das nações em conflito, exaustas e depauperadas.

Nunca é demais repisar, como lição cruel para os pobres, este doloroso e inexgotavel assunto. Porque os pobres, os trabalhadores teem aqui muito que aprender, muitos elementos para apreciação das vantagens da guerra e da verdade do chamado patriotismo.

Eugénio Guarino, em correspondencias para o *Avanti!* de Milão, deu conta de observações directas que contribuem grandemente para lançar uma luz viva sôbre as causas e resultados economicos da guerra turco-balcânica.

Na Trácia há tres especies de proprietarios de terras: grandes latifundiarios, em geral turcos, residentes em Constantiuspla ou Paris, que arrendam as suas terras a cultivadores, quasi sempre bulgaros; pequenos proprietarios, bulgaros na maioria, que cultivam pessoalmente as suas terras; e por fim, os *moagirs*, camponeses turcos geralmente, que agricultam vastos territorios, ainda não caidos definitivamente sob o regime de propriedade privada e para os quais nenhum titulo regular de propriedade existe.

As duas primeiras especies não são quasi prejudicadas nem incomodadas pela guerra e pela conquista. O seu «direito de propriedade» ficará de pé, garantido pelo novo estado; os seus titulos de propriedade serão religiosamente respeitados, embora na mão de turcos.

Mas os *moagirs*, esses ha muito que começaram a fuga em massa para a Asia Menor, não propriamente ante os exercitos invasores, pois muitos dos fugitivos abandonaram regiões muito afastadas do teatro da guerra, mas sim ante as extorsões e as prepotencias dos «vizinhos» — bulgaros, gregos, armenios ou turcos — isto é, dos proprietarios com titulos, dos proprietarios «legais», que aproveitam a ocasião para assambarcar terras sem dono «em regra» e para expulsar e despojar, pela ameaça e pela violencia, uma multidão de trabalhadores rusticos e simples! Eis, colhida em flagrante, a origem da grande propriedade...

Os inofensivos e pacificos camponios turcos, que não «possuiam legalmente» a terra, mas que colhiam porque deles era a semente e porque deles era o trabalho, são espoliados e escorraçados; mas os invasores, «conquistadores», os camponeses bulgaros? Esses, ao menos, ainda que não tenham quinhão na conquista, poderam voltar satisfeitos para a patria, reduzidos a metade, mas cobertos de gloria e seguros de encontrar o lar intacto e o país prospero, não é verdade?

Pois não, senhores, não é verdade. Os trabalhadores bulgaros e servios, de regresso aos seus campos, vão lutar com uma espantosa crise. Terão perdido um ano, e esta nova prolongação da guerra, numa epoca em que a lavoura exige a sua presença, mais os terá prejudicado. Haverá falta de dinheiro e falta de braços. Os novos estados engrandecidos e conquistadores terão necessidade de novos armamentos: e daí novos e pesados impostos.

Assim, o pedaço de terra do aldeão servio ou bulgaro, cheio de encargos, acabará por ser vendido, por ir engrossar a grande propriedade e a finança, muito antes que a crise causada pela guerra tenha desaparecido. E o despojado, como o seu irmão da Turquia, o *moagir*, irá em busca de trabalho para as cidades ou para as grandes fazendas, achando-o talvez na fabrica ou nas terras dum opulento turco — de um desses turcos que ele venceu!...

Eis o resultado das suas «victorias» e do seu «patriotismo», e ai dele, se recalcitrar: as forças do novo Estado defenderão... o patrão turco. Disseram-lhe que ele ia libertar os irmãos de raça e de religião — obrigando-o para isso a investir Andrinopla, que por sinal é turca... — e ele não terá libertado pessoa alguma: terá apenas enriquecido mais uma classe. Terá contribuido para a maior riqueza da minoria rica e para a maior pobreza da maioria pobre.

E entretanto, lá, no Oriente, novamente ribomba o canhão...

Neno Vasco

O regimen da fome

Os governantes respondem com promessas ás reclamações do povo, que nelas não se deve fiar.

O povo do Rio anda pela rua a reagir, a protestar, num conclamar ameaçador, contra o regimen da fome a que o sujeitaram os exploradores do seu esforço produtivo, a exigir mais um pouco de conforto dos argentarios que na sua miseria cevam a sua ganancia desesperada de amontoar dinheiro, muito dinheiro, embora para isso conseguirem o tenham de matar á mingua, á fome.

Em grandes reuniões, em comicios colossais anda o povo carioca, em verdadeiras ondas humanas, ondas que na sua bonança aparente ocultam a borrasca ameaçadora de amanhã, a protestar contra a miseria dominante, miseria que só para ele existe, pois que os magnatas do poder vivem fartamente da gorda teta do tesouro publico.

Protesta o povo, mostrando a sua decisão para acabar com a sua situação desesperadora. Pelas ricas praças do centro e pelos arrabaldes está ele, em manifestações imponentes, a patentear aos potentados a sua disposição de romper com um tal estado de coisas.

E protesta e clama expondo á luz meridiana a sua miseria.

Os senhores e os patricios modernos foram arrancados á disputa ao redor do osso do poder e constrangidos a dar ouvidos ao clamor da massa popular.

A onda ameaçadora avançava sempre, pondo-lhes em perigo o refugio placido. Era preciso aplacar a furia popular.

Vieram as promessas, promessas pomposas como sempre. O governo está com o povo e por ele fará tudo, tudo — disseram os tragicos farçantes.

Mas o povo continua a protestar. Não o satisfazem as promessas, melhoras positivas e imediatas é o que ele quer.

E a onda humana anda pela rua, ameaçando ir quebrar-se de encontro aos placidos refugios.

Os parasitas, os exploradores tremem ante a ameaça crescente e tentam castigar os impertinentes que não se satisfazem com as suas honrosas promessas. Preciso era, pois, impedir as manifestações publicas, essa ostentação atrevida da massa desordeira.

Essa era a vontade dos Cezares e o Pretor Belizario, alma batejada pela divina inspiração da Igreja, fiel religioso praticante, impediu um comicio, perturbou outro e dissolveu um terceiro com o auxilio do cacete e o punhal do secreta e o revolver do soldado.

E o sangue do povo sofredor banhou mais uma vez o asfalto das ruas cariocas.

Mas a onda humana continuará a andar pelas ruas, ameaçando ir quebrar-se de encontro aos placidos refugios.

Onde iremos parar? Quem o poderá prever?

O povo tem fome e quer mais pão.

Mas não é só no Rio. Por todo o Brasil reina a escassez, a miseria no seio do povo. No Rio G. do Sul, no Paraná e em S. Paulo os protestos surgem, o clamor popular vai num crescendo assustador.

E emquanto a fome fôr o regimen imperante a onda humana não cessará de andar pelas ruas ameaçando os placidos refugios.

E oxalá o povo tenha juizo, não se fiando em promessas pomposas, nos belos discursos dos pescadores de aguas-turvas que se arvoram em seus intermediarios junto aos governantes.

Pertencem todos á mesma quadrilha. E lobo não come lobo.

Convença-se o povo de que só obterá aquilo que, pelos seus esforços, conseguir arrancar, directamente, pela acção energica, inteligente e decidida, das garras aduncas das aves de rapina da dominação.

Nova Lourdes?

O milagre de Béziers

Os jornais franceses ocupam-se duma nova empresa clerical. Traduzimos de um deles a narração do caso.

Os negros corvos que se nutrem ha muito tempo da desgraçada carne dos aleijados que vão a Lourdes em busca duma cura problematica teem-se queixado nestes ultimos anos. Lourdes vai morrendo! Apesar das grosseiras artimanhas dos frades e fradinhos, aterrados ante a ruina crescente do seu negocio, vai-se o prestigio de Lourdes.

E por isso a Virgem muda de domicilio e vai instalar-se numa região menos montanhosa, em Béziers. Eis como é referido o milagre:

Uma mulher, que fôra ao cemiterio visitar a sepultura de seus progenitores, soluçava amargamente, quando sobre o musgo humido do tumulo se ergueu uma estatua da Virgem. Para que a nobre dama não sujasse os augustos pés, a lacrimosa mística limpou o marmore com o lenço banhado de lagrimas. Então a aparição falou, declarando sagrado o lenço que servira para limpar o lugar onde ela punha os pés. Depois dissipou-se... como de costume. Mas, oh milagre! apenas chegada a casa, a boa mulher pôs o trapo sagrado sobre o corpo da sua filhinha paralitica, que desatou logo a caminhar!...

A gente de Béziers está toda alvoroçada. Cáspitè! a Rainha do Céu foi visita-la! Que honra e que pechincha! Diante do tumulo onde apareceu a mãe do Cristo lendario, os bons crentes de Béziers queimam cirios: melhor fôra que neles queimassem a sua tola superstição.

Em muitos, porêm, não ha superstição nem tolice... Ha um bom calculo comercial. Decerto a Virgem gosta de vinho, pois deixou a agua de Lourdes pela vinha do Hérault! E então os peregrinos que vão acudir ao sitio, os romeiros, os devotos! Esses é que vão beber, caramba! Que pechincha neste tempo de crise vinicola, quando o vinho dorme nas adegas por falta de comprador!

E' a salvação, não das almas, mas dos viticultores! Viva a Virgem, padroeira do negocio dos vinhos!

O DRAMA DE AGEN

Beatas e padres escandalizados

E' ainda a *Bataille Syndicaliste* que nos fornece os informes e considerações a seguir.

A morte tragica do padre Chassaing continuava a apaixonar a opinião. Madame Crespy, a poetiza amorosa, estava presa: mas era culpada? Não havia provas certas. Os medicos legistas não puderam pôr de lado a versão do suicidio ou desastre: contrariamente ao que se dissera a principio, a bala parecia ter sido disparada de muito perto; e a fonte esquerda é frequentemente escolhida pelos suicidas.

Porque foi então presa madame Crespy? E' porque ela ousou dizer, clamar a todos que tinha amado, que amava! A gente hipocrita e mediocre não perdoa o descaro... E de mais a mais, era um padre o amante!...

As Madalenas arrependidas, hoje pias "patronas", as solteironas beatas, vindas para Deus porque nenhum homem veiu para elas, estavam sufocadas de indignação. Madame Crespy amou um vigario e tem o descaramento de o dizer, de o escrever! Ainda se tivesse sido amante dum bispo ou dum arcebispo, vá, mas dum vigario! que desvergonha! E ainda por cima, poetiza! Horror!

Quanto ao clero, aterrado á ideia de ver divulgados os roseos segredos do confessionario, esforça-se por acusar sem provas. O bispo, para contrabalançar o relatorio dos peritos, escolheu outros dois medicos para uma segunda autopsia; mas as conclusões destes são analogas ás dos primeiros.

Não importa! A sciencia duvida, mas o bispo acusa. Não é ele representante do papa infalivel? Não tem ele a sciencia divina! Assim, o cadaver do padre, levado para a sua terra natal, ia ser enterrado á noitinha, sem pantomimas religiosas, como suicida, quando chegou do bispo ordem de empregar o ritual ordinario, "visto o padre Chassaing não se ter suicidado." O' Cristo! eis a misericordia e a bondade dos teus humildes representantes, que não hesitam em acusar sem provas uma mulher que sofre!

Porque, ainda que madame Crespy seja com efeito culpada (nada se sabia á data das ultimas noticias), é uma indignidade e uma cobardia servir-se duma posição de prestigio entre os simples para sobrecarregar uma pessoa já nas mãos da justiça, já sob o peso duma terrivel acusação.

Mas é assim a alma do padre.

—

Entre os versos com que Madame Crespy celebra o seu amor mistico-sensual com o padre Chassaing, colhemos ainda os seguintes, duma poesia intitulada "2 de Maio de 1910":

Et je sens qu'il fut beau, qu'il fut rare mon sort,
Que pour un tel bonheur ce n'est pas trop la mort,
Que je puis l'accueillir splendidement parée,
Sans effroi, sans regret, lorsque blême, égarée,
Elle viendra d'un coup anéantir mes chants
Dans l'aube frissonnante ou dans l'or des couchants.
Deux mai mil neuf cent dix, ô l'ivresse de vivre,
D'être une sensitive affinée et qui vibre,
D'être femme et poète et d'avoir l'univers
Et promener son rêve et ses yeux grands ouverts

"E sinto que foi bela, que foi rara a minha sorte, que por tal ventura não é demais a morte; que posso acolhê-la esplendidamente adornada, sem terror, sem saudade, quando, lívida, desvairada, ela vier com um golpe aniquilar os meus cantos, no alvorecer arripiante ou no oiro dos poentes.

"Dois de maio de mil novecentos e dez, oh! a embriaguez de viver, de ser uma sensitiva requintada e que vibra, de ser mulher e poeta, e de ter o universo, e de passear o seu sonho e os seus olhos abertos largamente!"

NUCLEOS DA VANGUARDA

NO RIO

Grupo Dramatico Anticlerical — Um punhado de activos socios da Liga Anticlerical, com o intuito de desenvolver a propaganda por meio do teatro, fundaram o Grupo Dramatico Anticlerical, que fez a sua feliz estreia com o espectaculo realizado no dia 20 do mez passado.

A sua reunião, por nós noticiada no numero passado, realiza-se amanhã, domingo, ás 7 horas da noite, na séde da Liga Anticlerical, á rua Marechal Floriano Peixoto, 118.

EM S. PAULO

Circulo de Estudos Sociais — Este circulo mudou a sua séde da rua S. Domingos, 25, para a rua 13 de Maio, 1, no mesmo bairro do Bexiga, para onde deve ser endereçada toda a sua correspondencia.

A "Lanterna" transformada em diario

Vão abaixo mais algumas cartas de adesão ao projecto de transformação da *Lanterna* em diario.

São já bem numerosos os amigos e companheiros que se pronunciaram em favor dessa iniciativa, salientando todos as vantagens que com a sua consecussão auferirá a nossa propaganda.

Dos coupons do emprestimo que enviámos aos nossos amigos, continuam a ser-nos devolvidos diversos diariamente, atingindo a 4:120$ a quantia subscrita.

Sendo já um bom começo, não deixa entretanto de ser pouco para se garantir o inicio dos trabalhos do diario.

Estamos, porêm, convencidos de que os nossos amigos não pouparão esforços para que se torne exequivel a iniciativa que todos julgam proveitosa para a nossa obra. Não deixemos para depois aquilo que as circunstancias reclamam seja executado imediatamente.

Sr. Edgard Leuenroth:

Mui fraternais saudações.

Apoiando a publicação diaria da *Lanterna*, o destemido orgão de combate á negra classe que tiraniza a consciencia dos pobres de espirito, rogo-vos enviar-me um coupon de assinatura, pedindo-vos desculpas se, devido ás condições pecuniarias serem más, não tomo mais de uma acção para esse nobre e necessario tentamen.

A publicação cotidiana do vosso orgão destemido é mui necessaria, mormente em nosso paiz, onde a classe negra se acha enraizada; assim faço votos para que em breve seja a *Lanterna* diaria.

Apesar da insignificancia de minha contribuição, rogo-vos aceitar tambem os meus fracos prestimos no terreno de combate aos sectarios do dogmatismo.

Saude e rebelião.

C. D. S.

⁂

Sr. Edgard Leuenroth:

Saudações.

Junto a este envio-lhe tres compromissos de subscripção que aqui arranjei com amigos meus, que comungam com o nobre e humanitario ideal da *Lanterna*, orgão do liberalismo e da liberdade de consciencia.

São tres gravetos que vão concorrer para animar o fogo sagrado do ideal altruistico que defendeis, com competencia e denodo, procurando libertar o povo dos arcaicos preconceitos embolorados, que degradam e aviltam a nossa civilização.

Aceitai os votos sinceros que faço pela realização do vosso *desideratum*, e que a *Lanterna* quotidianamente aclare com a sua luz os coios onde se acoitam os vendilhões e sacrilegos, são os meus votos.

Feliciano Floriano.

Machado, fevereiro de 912.

⁂

Ao companheiro Edgard:

Saudações.

Tendo chegado hoje de viagem e encontrando o coupon de adesão ao emprestimo que a *Lanterna* lança com o intento de se fazer publicaçao diaria e julgando de grande valor essa iniciativa, junto o devolvo assinado com as acções ao meu alcance.

Abraços aos companheiros de lutas, sempre solidario com as boas causas.

José Guardeño Torres.

Belo Horizonte, 27 — 2 — 913.

⁂

Edgard Leuenroth:

Saudações.

Embora tardiamente (por motivo de doenças) venho trazer-lhe os meus parabens pelos melhoramentos de impressão e redacção de seu apreciado periodico a *Lanterna*.

Por minha vez, tambem folgo bastante em ser ele publicado diariamente, pois muito necessitamos de um quotidiano de combate, para a propaganda benefica e activa do nosso ideal.

E para isto, estou pronto a concorrer, ficando com 3 acções.

Do amigo e companheiro,

M. Chaves.

Carmo do Parnahyba, 2—2—913,

⁂

Sr. Edgard:

Saudações:

Desejoso tambem de ver a *Lanterna* transformada em diario, porque assim a batalha contra os inimigos do progresso é da luz será continua, subscrevo uma acção, e prometo tomar sua assinatura.

Avante, sem medo da fogueira!

Ubaldo Ferrari.

Ribeirão Pires, 28 — 2 — 913.

⁂

Caro amigo Edgard:

Saudações

Tarde embora, não posso deixar de prestar o meu pequeno concurso a uma causa tão justa como esta que nobremente defendeis.

A lembrança de manter-se diariamente um jornal de tanta utilidade como a *Lanterna* é tão boa como o cerebro de quem a concebeu, especialmente agora qae o povo parece ter despertado de um sono profundo de ignorancia.

A onda negra parece querer avassalar todo o norte do Brasil, imigrando para aqui, em massa, os padres estrangeiros batidos da Europa civilizada, desembarcando em bandos com as suas beatas e missionarios. Estes ultimos invadem o interior do Estado, fazendo missões em que as bolas giram por entre a multidão fanatica, voltando sempre cheias de dinheiro, angariando assinaturas para o *Mensageiro da fé*, um folheto que para aqui mandam aos milhares, orgam do fanatismo, mensageiro de ignorancia.

Por hoje basta; quanto ás acções falarei quando fizerem a recordação.

Estou arranjando mais alguns camaradas.

Olimpio de Sant'Anna.

Maceió, 16 — 2 — 913.

⁂

Camarada Edgard:

Não posso ficar indiferente á nobre ideia da *Lanterna* diaria, porêm espero oportunidade para dizer o que sinto, embora isso não faça falta.

Guarujá, 19 — 5 — 913.

José de Matos.

⁂

Amigo Edgard:

Muitas saudações.

Estando de acôrdo com a publicação diaria da *Lanterna*, vou brevemente mandar-lhe a importancia de uma ou duas acções, que é pouco, mas, como sabe, de cada um conforme as forças.

José Rodrigues de Oliveira.

Ribeirão Preto, 3 — 3 — 913.

Scarppia domina

Brasileiros expulsos — Operario espancado — No Rio está preso um outro ha dois meses.

Scarppia continua a imperar com o seu regime de perseguições e violencias.

Isto já não terá mesmo mais remedio?

Lembram-se certamente os leitores do caso Antonio De Mattia, aquele moço que a policia prendeu por diversas vezes, espancou barbaramente no posto policial de S. Caetano, internando-o depois, para ocultar o seu crime, no hospicio de Juqueri, de onde saiu dias depois inutilizado para o trabalho.

Pois os soldados que o espancaram, deixando-o com um braço imprestavel, foram absolvidos!

⁂

Em Santos a policia impediu o desembarque do menor brasileiro Emilio Pinto, que declarou a um jornalista encontrarem-se em Lisboa, na mais completa miseria, muitos outros brasileiros que com ele foram expulsos.

⁂

Na Detenção do Rio, encontra-se, sem culpa formada, por ordem do governo deste civilizadissimo Estado, desde fevereiro, o operario Adolfo Anta, preso em Santos quando foi á delegacia levar a comunicação da realização de um comicio!

Que faz o povo trabalhador em prol da causa deste companheiro? Cala-se?

Isso é mais infame que o procedimento da policia.

⁂

José do Patrocinio, trabalhador da estiva em Santos, foi preso, conduzido para esta capital, daqui para Baurú e de lá para Toledo Pisa, no sertão da Noroeste, em Mato Grosso!

Conseguindo fugir, andou dois dias a pé, trabalhou em Baurú para a passagem e para aqui voltou. Os jornais protestaram.

Dois dias depois a policia tornou a prende-lo e dele nada mais se sabe!

E para concluir esta nota que dispensa comentarios, registemos mais um facto.

Em S. Bernardo o operario João Henrique teve em um botequim um bate-boca com um terceiro. Coisa sem importancia, passageira. Entretanto vieram os soldados, pressurosos para castigar os homens do povo e servis diante dos graúdos. O operario explicou o caso e negou-se a ir á policia, pois tudo já estava acabado sem mais consequencias.

Que havia de ir, berraram os soldados. E levaram-no. Levaram-no e espancaram-no barbaramente.

Um outro operario, Angelo Neri, foi á delegacia explicar o facto. O sub-delegado, um fulão Freire Melo, uma cavalgadura qualquer, mandou mete-lo tambem no xadrez.

Italiano não tem aqui direitos, para aqui virem matar a fome, etc., esguelou o tipo, que aos soldados disse: «Podeis atirar nos paisanos que eu responderei por isso».

E agora? Só a palavra de Cambronne.

Mas se aqui não ha povo que reaja contra isto, nós continaremos a recorrer á solidariedade internacional.

E basta.

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

Realizou-se domingo, á noite, a sessão comemorativa do 2º. aniversario de sua fundação.

A's oito e meia horas da noite, estando o salão cheio de associados e convidados, foi aberta a sessão pelo 1º. secretario, sendo oferecida a presidencia ao companheiro João Crispim, que proferiu algumas palavras de agradecimento e de saudação á Liga.

Em seguida foi empossada a nova directoria para o ano corrente.

Dada a palavra ao primeiro secretario, o mesmo faz o historico da existencia da Liga desde a data de sua fundação até ao presente, terminando por pedir a todos que continuem a trabalhar com todas as forças para podermos eleva-la a altura que ela deve atingir.

O companheiro João Crispim fez um belissimo discurso, atacando a fundo o clericalismo, o capitalismo, apoiados pela força, isto é, pelo militarismo, que impede, em todos os países do mundo, a implantação do regime da liberdade e da fraternidade entre os homens. Ataca tambem o principio religioso nas suas diferentes formas, tendentes sempre á escravização das consciencias. Termina pedindo que cuidemos da educação da infancia, dos nossos filhos, daqueles que serão mais tarde os continuadores da nossa obra de emancipação das consciencias.

Não menos substancioso foi o discurso do sr. João S. Palm, pelos conceitos emitidos e a forma como entende dever ser encarada a liberdade de pensamento.

Falaram ainda Pedro Matera, Rafael Munhoz e Leal Junior.

Este nosso companheiro de luta prende sempre o auditorio com a sua palavra facil e convincente de antigo combatente.

Encerrou-se a sessão ás onze e meia horas da noite.

Fizeram-se representar: — O Sindicato dos Estucadores, O Sindicato dos Oficios Varios, a Sociedade de Resistencia dos T. em T. de Café, a Confederação Operaria, a Associação O. Independente e a *Voz do Trabalhador*.

—

Estão funcionando as aulas de Portuguez, Francez, Arimetica, Geografia e Historia.

Sexta-feira santa rubra

A Liga Anticlerical está tratando de realizar na sexta-feira da paixão uma grande reunião de propaganda, devendo nela falar diversos oradores sobre a comemoração religiosa da semana santa.

"A LANTERNA"

Bem como a luz brilhante que irradia
Do sol, ao ressurgir da madrugada,
Despertando-nos plenos de alegria
Para o trabalho insano da jornada,

Sêde bemvinda, oh! luz viva emanada
Da Lanterna, *jornal de todo dia:*
Luz pura que esclarece a gente honrada,
Luz forte que escurece a hipocrisia!

Surgi como os faróis em alto mar,
Que teem o fim sublime de livrar
Os homens da desgraça, do perigo.

Surgi pois, para emblema da vitoria,
Que havemos nós de ter a grande gloria
De abater o cruel, vil inimigo.

G. L.

Salto Grande, janeiro de 1913.

A lei de arrocho

O nosso apelo á solidariedade internacional foi acolhido com calor pelos lutadores do exterior — Os escravocratas serão vencidos.

Como era de esperar, repercutiu fortemente na imprensa popular da Europa a campanha contra a infame lei de arrocho.

Em França *La Battaille Syndicaliste*, importante diario pariesiense, e *Les Temps Nouveaux*, semanario muito considerado no campo intelectual daquele paiz, já publicaram artigos condenando com veemencia esse atentado ás liberdades mais primordiais do cidadão. Em Portugal o *Sindicalista*, de Lisboa, e a *Aurora*, do Porto, estão tratando com grande interesse desta questão que a nós todos interessa. O *Diario de Noticias*, um dos mais importantes diarios portugueses, tambem tem publicado diversos artigos sobre o assunto. *La Protesta*, o jornal mais popular da Argentina, já tem publicado vibrantes artigos de ataque á lei infame.

E ainda estamos em começo, srs. do feudalismo brasileiro. Vereis se pode mais a vossa estupida tirania ou a nossa solidariedade de oprimidos e explorados.

No Brasil não deve haver lugar sómente para a escumalha do Vaticano e para os infelizes que, cheios de ignorancia e servilismo, vós submeteis á labuta do vosso eito e ao relho dos vossos capangas.

Nós aqui precisamos unicamente de homens, que não só nos venham prestar o concurso do seu braço robusto, como da sua inteligencia sã, lucida e bafejada pelos ideais que enobrecem o homem e o preparam para uma nova vida de liberdade e de amor.

Ficareis antes com os vossos cafesais entregues ao matagal daninho.

Quizesteis a guerra e te-la-eis agora com todos os seus espinhos.

Quem vencerá?

Cedo ou tarde a vitoria será nossa.

A Confederação Operaria Brazileira recebeu o seguinte oficio sobre a lei infame:

"Niteroi, 5 de janeiro de 1913 — Companheiro Secretario da Confederação Operaria Brazileira. — O Grupo Operario de Estudos Sociais Germinal, reunido em assembleia geral, decidiu enviar a essa Confederação a sua cordial e inteira solidariedade no protesto contra a violenta e degradante lei de expulsão com que o governo da Republica pretende armar-se para levar a efeito os seus sinistros fins de perseguição e despotismo contra os trabalhadores nosso irmãos, que de outras partes do mundo para aqui teem vindo contribuir com o seu braço para o desenvolvimento do paiz e com o seu cerebro para a emancipação da humanidade.

Saude e Revolução. — Pelo G. O. E. S. Germinal — O secretario, *Almiro Ribeiro da Mota.*"

EM GUAXUPÉ

Suicidio provocado por um padre

Sôbre o caso do pobre moço que, em Guaxupé — Minas, foi levado ao suicidio por uma ofensa grave recebida de um sotaina imoral e beberrão, o padre Pinto Fraissat, recebemos, desta capital, a carta que abaixo publicamos.

Para o numero seguinte deixamos uma correspondencia recebida de Guaxupé, tratando do mesmo facto:

«Amigo senhor Edgard — Saudações.

Tenho acompanhado com o maximo interesse as noticias sobre o suicidio provocado pelo alcoolista e asqueroso embatinado que atende ao nome de Joaquim Pinto Fraissat. Sim, tenho acompanhado com grande interesse porque a inditosa vítima daquele nefando sotaina era meu primo-irmão. Li no vosso primeiro artigo que meu tio ainda o havia repreendido. Não foi assim. Meu tio é catolico, mas não carola desses como Antoninho Padre e Chico Chumbaré, que confundem Deus com os seus ministros...

Meu malogrado primo foi traiçoeiramente agredido pelo «pau dagua» e um seu parente e capanga, Antonio Fraissat, num restaurante da rua da Aparecida, na noite de 6 de fevereiro pp., á meia noite mais ou menos.

Que fazia o sacrosantissimo pastor áquela hora na rua? Vinha decerto da casa dalguma beata rochonchuda, onde estivera a lhe dar conselhos, a lhe prègar moral e a embriagar-se como era seu costume...

Voltemos aos factos. Traiçoeiramente agredido e gravemente ferido por aqueles cães, José, brioso como era, vendo-se impotente para vingar a afronta recebida (pois fôra esbofeteado) resolveu suicidar-se, o que levou a efeito atirando-se a uma cisterna. A autoridade policial abriu inquerito, que dará em droga, como é de praxe... O sr. bispo, o mais que pode fazer é promove-lo a conego.

Agora, a parte réles, ignorante e analfabeta da população de Guaxupé, resumindo, o beaterio, resolveu *fabricar* um abaixo-assinado a favor do assassino, dizendo ser ele inocente como um recem-nascido. Fresca inocencia, carolada imbecil! O sangue de meu primo aí está clamando justiça! E si é verdade que o tipo causador da desgraça que enlutou minha familia está em São Paulo, que ponha o focinho fóra do covil onde se acoita porque, apesar da grande repugnancia que sinto por ele, sujarei minhas mãos varias vezes, esbofeteando-lhe a cara deslavada.»

"A LANTERNA" NO INTERIOR

Em Jahu

Como em toda parte, aqui tambem, infelizmente, temos alguns sotainas, e é por isso que eu escrevo a essa redacção para dar deles algumas noticias a respeito de sua saude e de seus actos.

Aqui, eles passam uma vida de lords; para terem dinheiro, bastam subir ao pulpito e berrarem que S. Benedicto está sem roupa, que ao sr. Bom Jesus faltam algumas ceroulas, a Nossa Senhora algumas camisas, para que as «caridosas ovelhas» lhes levem carteiras recheadas do precioso papel-moeda.

O nosso vigario, sr. Morato, é um reverendo progressista; quer para a sua tenda as ultimas novidades, para chamar mais concurrencia; assim é que já *temos* lá altares e pias de marmore feitos por celebres escultores.

Gostando o nosso reverendo do progresso, ainda mais gosta de uma festinha; quando ele a faz, fica todo baboso; e o que se ha-de fazer? toda pessoa tem seu *chá* e por isso o *chá* do nosso reverendo Morato é a festa.

Oh! como é admiravel a gente ve-lo dirigir uma procissão! E' tal qual um regente de orquestra que tenha muito interesse que os musicos não percam o compasso; corre daqui para acolá, sempre meneando a sua grande cachola desmiolada, como é seu habito, pegando no bracinho das moçoilas para ageita-las a segurar nos andores ou bandeirolas.

Disto é que o nosso tonsurado gosta; estar perto de moças talvez seja mais agradavel do que a companhia de muitos santos...

O nosso modelar sacerdote (no dizer do (*Jahu Moderno*), quando quer fazer festas, costuma dirigir ás familias dos empatacados circulares convidando-as a contribuir com alguma coisa «para maior realce da referida festa».

Dias depois aparece nos jornais locais: «O sr. coronel Botucudo deu tantos contos, o sr. comendador Formiga outros tantos», e assim por diante, até que se arranje uma porção de contos de réis.

Assim é que as festas que aqui são feitas teem bastante brilho; vem o dr. João Gualberto, a «gloria dos oradores sacros», o qual ha tempos disse no pulpito que uma mulher que quer confessar-se deve escolher um bom padre, de respeito e já pratico nas suas funções e não certos padrezinhos galanteadores...

⁂

Como todo o bom padre que se preza de ser o representante de Cristo, o nosso Morato não gosta de pessoas filiadas a outras doutrinas; seja por aberração, habito ou ignorancia, o caso é que não gosta. Assim é que numa série de sermões tem procurado difamar um internato daqui, ha muitos anos dirigido por homem liberal; disse o sr. conego que no referido colegio só se ensina o que não é o catolicismo, que ali se procura incutir nas crianças outras ideias, etc e tal.

Ora! torna-se ridiculo para um reverendo usar de taes palavras para combater uma doutrina; só mesmo da cabeça de um padre podem sair tais argumentos....

O epilogo desta encrenca foi que a pessoa atacada defendeu-se muito bem pela imprensa, provando o seu bom comportamento, e terminou dizendo que o sr. vigario não podia dizer o mesmo do seu...

O sr. conego achou que seria melhor ficar quieto, reduzido á sua insignificancia.

Terminando esta pequena correspondencia, prometo, caso aceitem, mandar de quando em vez algumas noticias desta paroquia, a qual, para gaudio do sr. Homem de Mello, vai de vento em popa.

Simplicio Alves.

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

Sindicato Operario de Oficios Varios — Conforme anunciámos, realizou-se no sabado passado a assembleia operaria convocada para a discussão dos estatutos deste sindicato, constituido no dia 24 do mez proximo findo.

A comissão encarregada da sua compilação apresentou o seu projecto, que depois de lido foi sujeito á discussão, sendo aprovado com ligeiras modificações.

O Sindicato Operario de Oficios Varios, que será exclusivamente operario e extranho a todas as questões politicas e religiosas, tratará de reunir em seu seio os trabalhadores de todas as classes, para as constitui depois em sindicatos autonomos a proporção que forem sendo reunidos 25 socios de uma mesma categoria, preparando assim a reorganização da União Local dos Sindicatos Operarios.

O fim do Sindicato será estreitar os laços de solidariedade entre os trabalhadores, preparando-os pela sua elevação moral e intelectual para a acção em favor das suas reivindicações morais e materiais, profissionais e sociais.

A Comissão Administrativa provisoria, composta de sete membros, já adquiriu todos os utensilios necessarios para os seus trabalhos, estando a procura de um predio apropriado para a séde social.

Na mesma assembleia foi deliberado dirigir um manifesto aos trabalhadores de S. Paulo, demonstrando-lhes a necessidade de sua união e convidando-os a tomar parte na grande reunião que se realizará no dia 11 do corrente, terça-feira, no Salão Alhambra, rua Marechal Deodoro, 2, ás 7 e 1|2 horas da noite.

Será tambem distribuido em avulsos os estatutos do Sindicato.

EM SANTOS

Greve de canteiros — Ainda perdura a greve de «macaqueiros», conservando-se parados os trabalhos de tres patrões ainda recalcitrantes.

Os operarios das demais pedreiras já estão trabalhando com os 10 % de aumento de salarios que reclamavam.

Apesar das brutais perseguições de que estão sendo vitimas, os grevistas se mantêm firmes e dispostos a só retomarem o trabalho quando forem atendidos na sua reclamação.

A policia, leproso cão de guarda dos exploradores, tem prendido diversos trabalhadores, vendo-se alguns deles obrigados a se ocultarem para não cair em suas garras.

Segundo dizem, um operario que ultimamente se fez patrão, chegou a denunciar e a indicar alguns operarios á policia.

Que miseravel! Havemos de aqui espor o seu nome á execração dos trabalhadores.

A festa — Estão sendo ultimados os trabalhos da festa que a Federação Operaria vai realizar no Coliseu em beneficio das familias dos operarios expulsos pela policia deste hipercivilizado Estado.

NO RIO

No Rio, os trabalhadores despertando da enervante apatia a que estiveram entregues por algum tempo, entraram num periodo de franca actividade.

Em todas as classes trabalha-se com afan, estando novamente de pé todos os antigos sindicatos, reunidos na Federação Operaria. A Confederação Operaria Brasileira continua a receber adesões de todo a parte do Brasil, activando-se os trabalhos do 2.º Congresso Operario, que ainda este ano se realizará naquela capital.

A Voz do Trabalhador, brilhante orgão da C. O. B., vai aparecendo regularmente, trazendo sempre magnifica colaboração e informações sobre a questão operaria. O seu numero correspondente á segunda quinzena de fevereiro saiu excelente.

O seu endereço, o mesmo da C. O. B., é o seguinte: Caixa Postal, 1427, Rio.

NO MACHADO

Liga Operaria Machadense — Instalou-se no dia 2 de março corrente, nessa cidade mineira, uma associação operaria com a denominação supra, destinada á defesa dos interesses das classes proletarias no Machado.

Com esse facto realizou-se uma antiga aspiração dos companheiros machadenses, que se sentem cheios de ardor para trabalhar pela durabilidade e desenvolvimento de sua associação.

Conscios de que apenas com a solidariedade e com o emprego de meios directos poderão melhorar as condições de sua classe, resolveram não admitir movimentos politicos no seio da Liga, e aderir á Confederação Operaria Brasileira.

Naquele dia fizeram a eleição da administração provisoria, devendo ser eleita a definitiva no primeiro domingo de maio p. f., em assembleia geral dos socios.

Aos companheiros do Brasil e Portugal, a L. O. M. pede donativos de livros, folhetos, jornais e revistas, para a sua biblioteca.

Endereço: Liga Operaria Machadense — Cidade do Machado — Rede Sul-Mineira.

⁂

O que fica — A exuberancia de materia nos obriga a adiar a publicação de noticias sobre o movimento operario de Santos, Cravinhos, Taubaté, Belo Horizonte, Juiz de Fóra, Passo Fundo e mais algumas notas e informações.

Bases de acôrdo do Sindicato Operario de Oficios Varios

PRINCIPIOS FUNDAMENTAIS

Considerando que, por efeitos da industria moderna e do apoio que presta o poder aos detentores da propriedade e dos instrumentos de produção, ha antagonismo permanente entre o Capital e o Trabalho;

que por este facto se acham frente a frente duas classes bem distintas: de um lado os que deteem o Capital, do outro os produtores, que são os criadores de todas as riquezas, pois que o Capital se forma por uma percepção efectuada em detrimento do Trabalho;

que por estas razões os proletarios devem pôr em pratica o axioma da «Internacional»: a emancipação dos trabalhadores não pode ser senão obra dos proprios trabalhadores;

que para conseguir este fim de todas as formas de agrupação a melhor é o sindicato, pois que é uma agrupação de interesses que coliga os espoliados ante o inimigo comum: o Capitalismo;

que por isto mesmo reune em seu seio todos os produtores, quaisquer que sejam as suas opiniões particulares;

considerando mais que se o sindicato se estacionasse num sensivel isolamento cometeria fatalmente (guardadas as proporções) o mesmo erro que o trabalhador isolado, faltando assim á pratica da solidariedade; ha, pois, necessidade de que todos os produtores se unam, primeiramente no sindicato e, realizado este primeiro acto, completem a obra sindical fazendo que o seu Sindicato adira á União Local dos Sindicatos Operarios e por meio da Federação Operaria do Estado á Confederação Operaria Brasileira.

Unicamente com esta condição poderão os trabalhadores lutar eficazmente contra os seus opressores até a completa desaparição do salariado e do patronato.

FINS

1 — O Sindicato Operario de Oficios Varios, organizado sobre as presentes bases de acôrdo, tem por fim:

a) Promover a união dos trabalhadores salariados para a defesa dos seus interesses morais e materiais, economicos, profissionais e sociais, sustentando os seus movimentos de resistencia nas questões de aumento e regulamentação de pagamento de salarios, de diminuição de horas de trabalho e da sua segurança e higiene;

b) Estreitar os laços de solidariedade entre os salariados, estudando e propagando os meios de acção para dar mais força e coesão aos seus esforços na luta pelas suas reivindicações imediatas e para a conquista da sua completa emancipação do regimen do patronato e do salariato, com apropriação em comum dos meios de produção.

ORIENTAÇÃO

2 — O Sindicato Operario de Oficios Varios servir-se-á unicamente dos meios proprios da acção directa para o trabalho de propaganda e educação dos trabalhadores e sua resistencia ao capitalismo.

3 — O Sindicato não pertence a nenhuma doutrina politica ou religiosa, não podendo tomar parte colectivamente em eleições, manifestações religiosas, nem podendo qualquer socio, que conservará a sua autonomia para agir livremente fóra, servir-se dessa qualidade para se manifestar.

CONSTITUIÇÃO

4 — O Sindicato Operario de Oficios Varios reunirá em seu seio, sem distinção de classes, raças, sexos ou idades, os trabalhadores:

a) que trabalhem como tais, não tenham operarios ou aprendizes por conta propria e não sejam gerentes, mestres e encarregados, com excepção destes dois ultimos, quando a assembleia geral o determinar;

b) que pertençam a classes ainda não organizadas;

c) que pertençam a classes organizadas em sociedades não filiadas á União Local dos Sindicatos Operarios;

d) que pertençam a classes já organizadas em sociedades cujas bases não sejam de resistencia ao capitalismo.

5 — O Sindicato Operario de Oficios Varios constituirá imediatamente em sindicatos autonomos, filiados á União Local dos Sindicatos Operarios, á Federação Operaria do Estado e á Federação Operaria Brasileira, todas as classes que reunirem em seu seio 25 socios.

6 — O Sindicato será filiado á União Local dos Sindicatos Operarios, á Federação Operaria do Estado, á Confederação Operaria Brasileira, enquanto essas agremiações mantiverem a orientação que concorde com as presentes bases de acôrdo.

DIREITOS E DEVERES DOS SOCIOS

7 — São direitos dos socios todos aqueles que possam auferir da solidariedade social e das iniciativas do Sindicato, cabendo-lhes o dever de, como sua parte integrante e unidade activa, prestar o seu concurso a todas as suas assembleias e trabalhos, sustentando, propagando e praticando as determinações das presentes bases de acordo.

ADMINISTRAÇÃO

8 — Os trabalhos administrativos do Sindicato Operario de Oficios Varios serão feitos pela Comissão Administrativa, cujas funções serão simplesmente administrativas e nunca de mando, e que exercerá o seu mandato por seis meses.

9 — O membro da Comissão Administrativa que não comparecer a 3 sessões consecutivas da comissão sem causa justificavel, será considerado demitido, elegendo-se o seu substituto na assembleia geral imediata.

10 — A Comissão Administrativa, eleita em assembleia geral com a designação especial do tesoureiro, será composta de 7 membros, que distribuirão entre si o trabalho e se reunirão ordinariamente uma vez por semana e extraordinariamente sempre que for necessario.

11 — No caso em que a Comissão Administrativa se veja embaraçada com o excesso de trabalho, procurará o auxilio dos socios; quando, porém, houver necessidade de remunerar alguem para esse fim, isso será feito enquanto o serviço durar, ganhando o encarregado, que deverá ser socio, a diaria do seu trabalho.

FUNDOS SOCIAIS

12 — Cada socio pagará ao Sindicato a mensalidade de 1$000, sendo dispensado desse pagamento os que por motivo de molestia ou desemprego por mais de 15 dias o comunicarem á Comissão Administrativa.

13 — A caixa do Sindicato Operario de Oficios Varios será destinada ás despesas que lhe são proprias, ao trabalho da organização das classes e da propaganda em geral.

14 — A Comissão Administrativa só poderá fazer despesas além das de secretaria, quando for autorizada pela assembleia geral.

15 — O tesoureiro só poderá ter em seu poder para as despesas urgente a quantia de 50$000, devendo depositar o restante no estabelecimento determinado pela assembleia geral e apresentar mensalmente a esta, por intermedio da Comissão Administrativa, um balancete das entradas e saidas.

ASSEMBLEIA GERAL

16 — A assembleia geral, unico orgam deliberativo do Sindicato, será convocada por meio de boletins e da imprensa e reunirse-á ordinariamente uma vez por mez e extraordinariamente sempre que a Comissão Administrativa a convocar por sua determinação ou a pedido de 10 socios quites.

RESOLUÇÃO FINAL

17 — Em caso de suspensão de sua actividade, todos os bens do Sindicato Operario de Oficios Varios ficarão confiados á União Local dos Sindicatos Operarios, á Federação Operaria do Estado ou á Confederação Operaria Brasileira.

"A LANTERNA" EM VIAGEM

Em Jahú

O nosso companheiro João Penteado realizou na séde social do Centro Operario Beneficente e Instrutivo daquela cidade, a 28 de fevereiro, mais uma conferencia de propaganda, que, como a primeira, esteve regularmente concorrida.

O tema escolhido foi — *A Patria, o operario e a Humanidade.*

Ao começar chamou a atenção do auditorio para o assunto, dizendo que, nos tempos em que estamos, faz-se mister analizar bem as coisas, afim de que não sejamos explorados pelos convencionalistas interessados na manutenção do estado social actual, e que, quando ouvirmos pronunciar uma palavra, devemos precisar bem e perfeitamente o que ela logicamente exprime.

Assim, referindo-se a *Patria*, fez ver que esse vocabulo, ás vezes, poderá exprimir um sentimento natural, espontaneo, legitimo, que existe em nossos corações, como, por exemplo, o amor que temos pelos lugares, aldeias, vilas ou cidades, onde porventura tenhamos passado a maior parte de nossa existencia, e que esse sentimento, esse amor, essas impressões, suave e docemente gravados em nossos corações, constituem o que se pode chamar verdadeiramente a *Patria ideal*, que é como o reflexo dum passado que nos enche de saudosas recordações.

E acrescentou que além dessa *Patria ideal*, que todos sentimos dentro de nós, existe um sentimento maior, mais intenso, mais forte e mais sublime, que tem principio filosofico, que é baseado na justiça, que é esclarecido pela sciencia e que, afinal, alarga os nossos horizontes, levando-nos dos estreitos limites da sentimentalidade factuamente romantica para os dominios da grande, extraordinaria e imensa *Patria da humanidade.*

Depois, feitas as justas considerações sobre essas duas acepções do vocabulo *Patria*, fez ver o que é a *Patria burguesa*, demonstrando a impostura da organização politica do Estado com suas nefastas instituições, todas tendentes á conservação dos privilegios dos senhores e manutenção do regimen de exploração do homem pelo homem.

O resultado desse trabalho foi satisfatorio, e despertou atenção da assistencia.

Os companheiros daquela cidade, que em tudo favoreceram ao nosso representante para a realização das conferencias de propaganda, são dignos de ser imitados.

Pequenos écos

Participações — O nosso companheiro Hermenegildo Dertonio e sua sra., residentes em Itauna, participam-nos o nascimento de um seu filhinho, ao qual deram o nome de Ferrer, provocando por isso contra si a furia dos alma-negra.

— Tambem o sr. J. Tranquilino Lemos e sra. nos participam o nascimento de mais um filhinho, que se chamará Jairo.

Que aos recem-nascidos seja dada uma educação racional para que se façam homens livres e lutadores da grande causa da emancipação humana, eis os nossos desejos.

Fenix Caixeiral — Esta agremiação de Fortaleza, Ceará, cujo fim é a defesa dos direitos da classe que representa, participou-nos a eleição das suas comissões administrativas para o corrente ano.

De nossa parte almejamos á associação caixeiral cearense uma longa vida de proveitosa labuta em prol das reivindicações da sua classe.

Ao «Clarão» — O nosso companheiro Galdino de Medeiros, de Juiz de Fora, por nosso intermedio, dirige o seu agradecimento ao camarada Carlos Nobre, por te-lo distinguido com a remessa do seu belo *Clarão*, que se publica em Rio Tinto, Portugal.

S. M. Operaria de Bagé — Desta sociedade recebemos um oficio participando-nos a realização, no dia 10 do corrente, de uma reunião de propaganda em homenagem ao companheiro Placido Peres de Bittencourt, ha pouco falecido e que foi activo elemento no seu seio e um entusiasta da causa operaria.

Gratos pelo convite com que fomos distinguidos para a ela assistirmos.

Bilhetes e recados

Guarujá — J. de Matos: Logo que tenhamos vagar voltaremos á carga. O J. V. está onde diz, lutando sempre. Saudações.

Rio — A. Pinheiro: Pois o jornal seguiu pontualmente com a direcção certa. Fizemos a transferencia. Quando faltar reclame do carteiro. Saudações.

Vila Jatahi — B. do N. P.: Foi satisfeito o seu pedido de folhetos. Saudações.

Santos — M. R.: Scientes do bilhete que aqui nos deixou. Ao judas tambem nós faremos queimar-lhe nas mãos os seus trinta dinheiros. E' redrobrar de actividade para dar uma lição aos exploradores e seus locais. Saude!

Sábará — J. de S. C.: Como vê, fomos obrigados a reduzi-la. Recebemos a transcrição. Infelizmente a falta de espaço impede-nos de aproveitar logo trabalhos como esse. Saudações.

Rio — Jango: Andaram muito acertadamente fazendo o que nos contas. E' sempre esse o preceder dos pescadores de aguas-turvas. Simplesmente grotesca a fita da moção *do povo* ao Cesar dali de Petropolis. A F. O. é uma instituição que basta a si mésma para estes movimentos. Saudades de todos e a todos.

Rio — Adrecal: Vale este pelos dois bilhetes. E' como dizes: para a frente sem termos em conta tal obra dissolvente. Tanto peor para quem a faz e para os que se deixam arrastar, demonstrando uma deploravel falta de criterio. Realmente podia ter saido a pequena nota final, que nos escapou na paginação. Havemos de consegui-lo, e porque não? E' questão de algum esforço. E depois é preciso. Saude!

Niteroi — Gildo: Bravissimo! Ainda melhor que o primeiro. Já viste a *Terra Livre?* Está excelente para o teu trabalho de sementeira. Saudades dos rapazes.

Passo Fundo — M. G. da Silva: E' mais uma prova de que com os esforços de alguns dedicados sempre se consegue algo. Oxalá os seus esforços sejam coroados de exito. Agora devem filia-lo á C. O. B. Essa é a situação de todos que estão na brecha. Recebemos a lista e os 10$. Seguiram os folhetos. Do livro fizemos pedido para Portugal. E' continuar que quem semeia pode colhêr. Saude!

Santo Antonio da Figueira — N. P.: Então fará o obsequio de nos indicar a data em que começou a recebe-lo para corrigirmos o engano, que não partiu de nossa parte. Saudações.

Niteroi — J. M.: Seguiram os recibos, o livro e os ns. pedidos. O jornal tem seguido pontualmente para todos. Já conversamos sobre o premio. Lembras-te? Saudações.

Rio — Busse: Entrou no n. passado em lugar da noticia da Liga, que perdeu a actualidade. Isto é falta de uma benzedura... Seguiu a musica. Saudações.

Maceió — O. de S.: Interessante o recorte que teve o cuidado de nos remeter. Vai mais animado o movimento daí? E' preciso secundar a obra da C. O. B. Saudações.

Monte Santo — L. N.: Fizemos a transferencia. Saudações.

Ipameri — W. R.: Recebemos a importancia do livro. E devemos dar graças a Nossa Senhora da... saia curta por lá ter chegado. Saudações.

Paranaguá — C. D. S. Registámos o novo assinante. Realmente o livro citado prejudica-se pelo seu fundo religioso. Em Portugal está agora sendo publicada uma recomendavel. Saudações.

Itambé — A. G. de B.: Seguiu o o recibo de sua assinatura. A correspondencia sairá, como todas que recebemos e que não fogem á orientação da folha. Entretanto, quem rege é D. Espaço... Saudações.

Rio — L. M. da S.: Seguiram os folhetos. Pedimos determine sempre os que deseja. Saudações.

Bagé — A. de O. S.: Folgamos com o teu restabelecimento. Faremos o que estiver em nós para o bom exito da excursão do propagandista em viagem. Recebemos a importancia dos livros. Registámos os endereços novos e modificámos os indicados. Saudações aos companheiros.

Rio Grande — Amigo dedicado: Faremos aqui tudo o que pudermos em seu favor. Entretanto creio que, devido á desorganização reinante, pouco se conseguirá. Tem razão. Em quasi todas as lojas domina a carolada. Muito 33 anda por aí de tocha em punho a puchar procissões. E' a razão de ser ela um corpo morto, incapaz de um movimento de energia. Saudações.

Rio — Abranches: Foram feitas todas as modificações. Os pacotes seguem sempre pelo nocturno de sexta-feira. Que abusem os srs. carteiros que nós acabamos por condena-los ao milagre do homem da Aparecida... Pena será se não conseguirmos arranca-lo. Animadora essa actividade. Oxalá prosiga bem orientada. Vi os dois artigos e o cliché. Será mais um para a barricada? Bem vindo seja. Boa ideia a do boletim. Saude!

Figueira do Rio Doce — T. V. L.: Quem é vivo... Retribuimos as saudações. A carta não trouxe a quantia indicada. Terá ficado no caminho para alguma missa pela alma de d. Heredia? A lista de endereços tambem aqui não chegou. Antecipamos os nossos agradecimentos pelo que fizer em favor do jornal. Voltaremos a falar do nosso heroi. Saudações.

Folhetim da LANTERNA (36)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

(Especialmente traduzido para A LANTERNA)

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

XI

OS MISERAVEIS

— Não... Trata-se de vós... só de vós... Quereis sair comigo? E' um momento apenas.

— Senhores, disse Salverio, voltando-se para os seus amigos, servi vos esperar-me no castelo. Ide preparando tudo para a viagem...

— Esperamos aqui, atalhou vivamente o Cavaleiro.

— Certamente! confirmaram os outros.

A freira inspirava-lhes pouca confiança. Conhecendo os processos da Igreja, receavam uma armadilha.

XII

O PAI

Salverio, em presença da freira, ao ar livre, esperou pacientemente que ela rompesse o seu silencio denoso e embaraçado.

— Senhor, disse ela por fim com voz tremula, ha um momento, diante de tanta dor e tanto sofrimento injusto, cheguei a descrer: levantei os olhos ao céu e pareceu-me vê-lo vazio...

— Não é para o céu que se deve olhar, mas para a terra. Se estais emancipada do erro, deveis considerar-vos feliz...

— Mas, prosseguiu a freira como se não ouvisse, quando chegastes e salvastes a criança, puz-me de novo a crer... A vossa chegada parece uma prova manifesta da justiça divina...

— A minha chegada é cousa completamente natural, senhora. Mas devo dizer-vos que não compreendo por que quereis confiar-me esses escrupulos de consciencia... O tempo é-nos precioso neste instante... Que me desejais?

Ao espirito de Salverio acudiu tambem uma suspeita. Pôz-se a perscrutar as trevas.

— Desconfiais de mim, disse a monja. Compreendo. Mas ides saber por que podem as minhas crenças influir no vosso destino... A vossa chegada não me pareceu milagrosa só por causa do menino... mas tambem por vossa causa...

— Por minha causa?!

— Sim. A Germana reconheceu-vos, e eu tambem, mas eu reconheci-vos *verdadeiramente.*

A freira inclinou-se para Salverio e disse-lhe um nome ao ouvido. Salverio estremeceu e agarrou na mão da religiosa, cheio de desconfiança:

— Onde, como e quando soubestes vós esse nome?

— Em Tolosa, ouvindo pronuncia-lo quando fostes preso. Guardei-o no coração e tenho-o associado ás minhas orações, porque a minha gratidão só comigo morrerá.

— A vossa gratidão?

— Lembrais-vos daquela mulher que vós livrastes da morte em Tolosa e da freira que chorava ao pé dela? Era eu a freira, e a mulher era minha mãe...

— Sim, recordo-me...

— Lembrais-vos do calabouço de Amiens e da freira que ali vos visitou um dia?

— Ereis vós?!

— Era eu, sim. Pedistes-me que procurasse saber de vossa mulher e vossa filha. Da primeira, nada pude saber...

— Morreu! murmurou Salverio.

A freira teve uma frase piedosa e prosseguiu:

— Não pude tornar a falar-vos. Mudaram-me de convento e fui muito vigiada durante anos.

— Mais ainda que tivesseis podido ver-me, nada vos teria sido possivel dizer-me de minha filha, certamente.

— Estais enganado.

Salverio deu um pulo.

— Que dizeis? Não me deis falsas alegrias!

— Juro-vos que vi vossa filha e que lhe falei..

— Quando?!

— Ontem... hoje mesmo...

Salverio pôs-se a tremer convulsamente, incapaz de articular uma palavra. Por fim, cedeu a uma crise de lagrimas, e com a cabeça sobre o ombro da carmelita chorou longamente como uma criança. Dominou-se de repente, e pôs-se a dizer, segurando as mãos da religiosa:

— E eu a suspeitar de vós! Como agradecer-vos? Destes-me a unica alegria experimentada nos meus ultimos dezasseis anos! Vistes então, senhora, a minha filha! a minha filha! a minha adorada Genoveva!

— Ah! Chama-se Genoveva?

— Como sua mãe. Deve ser já uma mulherzinha, não? E bonita... Sabe que estou vivo? ama-me? Não, decerto, pobre louco; como ha-de sabê-lo?...

— E' bonita, sim: uma beleza atraente e angelica. E sabe que estais vivo.

— Quem lho disse?

— Eu.

— Ah! E' demasiada felicidade... Pois bem, senhora, imaginai que eu ia a Paris arrancar aos padres... Perdão! Faço mal falando assim diante de vós...

— Falai como vos diz o coração.

— Pois bem: eu ia arrancar aos padres uma pobre moça... que foi escondida em Paris... uma criatura adoravel... pela qual me interesso em recordação da minha familia... Mas seria demais pedir a um pai que sacrifique a filha... não é verdade? Levai-me, pois, aonde está minha filha. Amanhã, ou depois, se preciso for, irei então a Paris para salvar Flor de Maio...

— Flor de Maio! Dizeis Flor de Maio? Chama-se tambem Margarida?

— Sim, senhora; mas não vos demoreis, peço-vos. Levai-me para junto de minha filha!

— Vossa filha é Flor de Maio!

Salverio soltou um grito de desespero:

— Ela! Era ela! Por isso me pulsou o coração tão violentamente quando a vi! Ela! E eu tive-a nos braços! E não a reconheci! E não a trouxe comigo! Ah! pai indigno! pai desnaturado! E está nas mãos de Gerfaut! Está perdida!

— Não está, disse a carmelita com voz firme, porque vós a salvareis...

— Dais-me coragem, senhora; perdoai a minha perturbação... João! João!

Ouvindo estes gritos, o Cavaleiro de La Barre e seus amigos sairam da cabana, correndo, de espada em punho.

— Que sucede? perguntou João, ao chegar junto de Salverio.

— Uma coisa inaudita... Flor de Maio... tua noiva...

— Dizei...

— E' minha filha! E' a filha que eu procuro... que nós procuramos...

Os dois homens cairam nos braços um do outro, trocando com comoção e ternura os nomes de "pai" e "filho".

— Senhor, disse depois a freira a Salverio, ainda tenho que vos comunicar, a sós.

Os três moços afastaram-se.

— Vossa filha não está em Paris, prosseguiu sóror Madalena.

— O miseravel de Belleval mentiu, pois. E' natural naquele homem. Onde está então?...

A carmelita hesitou, murmurando:

— Meu Deus! Hei-de ser perjura e sacrilega?...

— Como? Explicai-vos!

— Juramos sobre os Evangelhos não dizer a pessoa alguma onde se encontra vossa filha!...

— Senhora! suplico-vos! Cedei a sentimentos mais justos... mais naturais... Em nome de vossa mãe!

— Tudo o que possais dizer-me, já eu o disse a mim propria. Ha uma hora que tremo ante a ideia da necessidade dessa revelação... que me condenará para sempre!... Sou eu que vos suplico: esperai até ser dia claro!...

— Seja! respondeu Salverio, agitado.

— Amanhã cedo estará tomada a minha resolução suprema. Por acaso, vim a conhecer um amigo do Cavaleiro de La Barre; por intermedio dele, queria eu comunicar ao Cavaleiro que ha quem vele pela sua noiva... Com esse homem, aprazei um encontro amanhã, ás 9 da manhã, aqui mesmo, neste caminho... Virei... com certeza...

— E quem é esse homem?

A carmelita descreveu Estocada, que Salverio reconheceu logo.

A freira afastou-se rapidamente. Salverio teve por um instante a ideia de a seguir, mas abanou a cabeça murmurando:

— Virá!

Entrando na cabana, perguntou a Germano:

— Conheceis a religiosa que esteve aqui?

— Sim; é uma boa mulher. Graças a ela é que ainda não morremos de fome. E' sóror Santa Madalena do convento de Francières.

Salverio dirigiu um olhar ao pequeno, que adormecera, recomendou a Germano que fosse cedo para o castelo e voltou para junto dos amigos, a quem referiu o que se passara. Decidiu-se virem ali á hora marcada pela religiosa, e se esta não comparecesse, iriam ao convento, entrariam nele por bem ou á força, procurariam a freira e arrancar-lhe-iam o segredo.

Eram as duas da madrugada quando os quatro amigos chegaram ao castelo.

XIII

AO PÉ DO ALTAR

Quando sóror Santa Madalena chegou ao convento, a irmã rodeira disse-lhe:

— Já estavamos inquietas, e a reverenda madre superiora esteve a ponto de mandar os dois frades.

— Vou para a minha cela, respondeu simplesmente sóror Madalena.

— Ide antes tranquilizar a reverenda madre, que vos espera.

Sóror Madalena dirigiu-se então ao quarto da superiora.

— Sois vós, finalmente! exclamou esta, ao vê-la entrar. Que vos sucedeu?

— O menino quasi morria. Graças a Deus, está fora de perigo.

— Embora. Estivemos muito inquietas. Não vos tornarei a deixar sair assim.

— Foi para salvar uma pobre criaturinha.

— Está bem. Mas os maus encontros? Os caminhos não estão seguros.

(Continúa).